

**Gabriela Garcia de
Carvalho Laguna**
*Instituto Multidisciplinar
em Saúde da Universidade
Federal da Bahia*
gabrielagcl@outlook.com

RESUMO

Não é raro que mulheres autistas sejam diagnosticadas tardiamente, sobretudo quando não apresentam déficit intelectual e prejuízo da linguagem funcional, devido a capacidade de desenvolvimento de estratégias compensatórias para algumas dificuldades e de mascaramento de características que o tornariam mais evidente. Isso, contudo, não nos isenta de dificuldades substanciais na vida diária. A neurodivergência pode ser solitária, envolver desafios e medos, mas não é um terreno inóspito; eu considero importante que isso seja reconhecido e abordado por pessoas que nele resistem e existem. Nessa perspectiva, apresento-lhes um artigo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre minhas vivências enquanto mulher autista, atravessadas por afetos, artes e detalhes. Sendo a arte, em suas diversas formas, meio para a expressão de sentimentos e pensamentos, descoberta, participação e construção de vínculo; reflito sobre a importância dela e dos afetos para meu autoconhecimento, cuidado, construção de perspectivas e desejo de promover experiências positivas às pessoas que fazem parte e às que ainda vão chegar em minha vida.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Arte; Saúde mental.

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com

www.institutoneurodiversidade.com

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

Revisão

Filipe Russo

ASD: ABOUT AFFECTIONS, ARTS AND DETAILS



ISSN: 2764-5622

Vol. 5 | Nº. 1 | Ano 2024

**Gabriela Garcia de
Carvalho Laguna**
*Instituto Multidisciplinar
em Saúde da Universidade
Federal da Bahia*

gabrielagcl@outlook.com

ABSTRACT

It is not uncommon for autistic women to be diagnosed late, especially when they do not have an intellectual deficit or functional language impairment, due to the ability to develop compensatory strategies for some difficulties and to mask characteristics that would make them more evident. This, however, does not exempt us from substantial difficulties in daily life. Neurodivergence can be lonely, involve challenges and fears, but it is not inhospitable terrain; I consider it important that this is recognized and addressed by people who resist and exist in it. From this perspective, I present to you a descriptive text, of an experience report type, about my experiences as an autistic woman, crossed by affections, arts and details. Since art, in its various forms, means for expressing feelings and thoughts, discovery, participation and building bonds; I reflect on the importance of it and affections for my self-knowledge, care, construction of perspectives and desire to promote positive experiences for the people who are part of it and those who are yet to arrive in my life.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Art; Mental health.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a socióloga Judy Singer (s.d.), a neurodiversidade refere-se a um padrão de conexão neurológica atípica, sendo essa variabilidade natural e importante, não uma doença passível de tratamento e cura. Pesquisas e descrições clássicas sobre o Transtorno do Espectro Autista são desenvolvidas majoritariamente com homens, viés que dificulta comparações e influencia no desafio do diagnóstico de mulheres. Assim, mulheres autistas, não raras vezes, são diagnosticadas tardiamente pela possibilidade de manifestarem características menos evidentes, sobretudo quando não apresentam déficit intelectual e prejuízo da linguagem funcional, sendo capazes de desenvolver estratégias adaptativas compensatórias para algumas dificuldades e de mascarar características estigmatizantes, conscientes da necessidade de interação social para diversas áreas da vida e na busca por atender as expectativas dessas interações. Isso, contudo, não impede que sofram e enfrentem dificuldades substanciais na vida diária, e que acumulem coocorrências, como depressão e ansiedade, ao não serem adequadamente assistidas (Rynkiewicz, Janas-Kozik & Słopień, 2019; Vasconcelos, 2022).

O filme *Si può fare*, dirigido por Giulio Manfredonia (2008), narra a história de uma cooperativa formada por pessoas que deixaram de viver em manicômios extintos, no contexto da Reforma Psiquiátrica italiana. Ele exemplifica como a atenção às potencialidades dos sujeitos, apesar de suas dificuldades e sem negá-las, pode ser transformadora e possibilitar que cada um participe ao seu modo da construção de projetos que façam sentido para eles e que contribuam para a comunidade. Essa perspectiva do que pode ser feito para que as pessoas sejam mais felizes muito me agrada, e a arte pode ser uma ferramenta para catalisar essas construções, bem como para possibilitar a expressão de sentimentos e pensamentos, autoconhecimento, cuidado e participação.

No Brasil, Nise da Silveira foi uma médica psiquiatra admirável, que colaborou para o cuidado em saúde mental de diversas pessoas e para o fortalecimento da lógica de uma assistência integral e inclusiva. A partir da escuta das pessoas e de suas demandas, bem como de experimentações, ela promovia atividades criativas, menos restritivas/roteirizadas e relacionadas à subjetividade dos sujeitos; com práticas de lazer, artístico-expressivas, ao ar livre, em contato com a natureza e com animais, entre outras. Isso possibilita a redução de sofrimentos e gera afetações positivas (Gomes & Leite Junior, 2022).

A arte é necessária e, as diversas formas de representações artísticas, são meios para a expressão de sentimentos, necessidades, desejos, valores, perspectivas, sonhos e manifestações sociais, sendo também instrumentos educativos e promotores de mudanças no mundo (Biesdorf & Wandscheer, 2011). Permitir-se imergir, perceber e expressar-se através da arte, pode favorecer a

sensibilização para o acolhimento também do que não se apresenta/compreende em um primeiro olhar, no encontro consigo e com o outro, o que é útil no cuidado em saúde mental (Laguna & Fraga, 2023).

A neurodivergência pode ser solitária, envolver desafios e medos, mas não é um terreno inóspito e eu percebo a importância desse fato ser reconhecido e abordado por pessoas que nele resistem e existem. Assim, o objetivo deste texto é descrever brevemente sobre o meu processo de encontro enquanto mulher autista e artista, e, possivelmente, inspirar outras pessoas nesse processo.

1 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, acerca de minhas vivências enquanto mulher autista, atravessadas por afetos, artes e detalhes ao longo dos meus 24 anos. Recebi meu diagnóstico já adulta, morando longe de minha família e cursando Medicina, a partir de avaliação psicológica e psiquiátrica, quando minhas dificuldades, principalmente relacionais e sensoriais, superaram de forma mais evidente minha capacidade de manejá-las. Com o diagnóstico, pude me entender e respeitar mais, mas um apoio necessário e seguro começou a se desenhar e me sustentou sem que eu precisasse pedir muito antes dessa resposta. Isso foi fundamental para que eu me desenvolvesse da melhor maneira possível.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

2.1 CRIADA NO TAPETE

Eu gosto de bichinhos de pelúcia, lápis de cor, anéis, conchas, fotos 3x4, cartas, argila, amarelo, risada de criança e MPB das antigas. Minha mãe queria que eu me chamasse Maria Lua e eu acho que combinaria bem. Eu venho de uma família matriarcal e cresci sendo respeitada, ouvida e amada incondicionalmente. Sinto a força suave disso para a minha construção enquanto mulher – simples, direta, profunda e corajosa.

Minha mãe conta que, no dia em que fui feita, sua calça amarela pegou fogo, como um presságio de que tudo mudaria, e somos do mesmo tecido. Ela sempre sentiu que teria uma filha e, embora eu não tenha sido planejada, amou-me, desde que soube que não estava mais sozinha em seu corpo. Ela conversava com a barriga, para eu não me preocupar, porque a tristeza que sentia não tinha a ver comigo. Nasci de olhos abertos e, ainda de acordo com minha mãe, fui um bebê tranquilo, “um relóginho” que acordava pontualmente de três em três horas para mamar e voltava a dormir. Eu era um

bebê sorridente, em nossa casa sempre repleta de duendes e fadinhas. A minha casa ainda é com ela e minha tia, embora hoje eu resida sozinha, depois de ter tido a experiência de morar com outras pessoas, e entender que vivo melhor como estou.

Tenho uma ótima memória equilibrando a péssima noção espacial e coordenação motora, minhas lembranças começam por volta dos meus quatro anos. Eu cresci no interior de São Paulo, fui uma criança centrada, atenta e observadora; características que permanecem me descrevendo bem. Eu gostava de organizar a Branca de Neve e os sete anões do jardim pela manhã, ficar na água, recolher as lantejoulas que caíam para fora da sala de aula, brincar na balança, de pula-pula, me esconder dos adultos, correr, montar florestas com meus animaizinhos, fantasiar-me e criar investigações.

Lógica e rotina sempre foram necessárias e valiosas para mim, eu funciono e me organizo a partir disso, de maneira rígida, desde que me lembro. Ser uma pessoa organizada favorece que eu cumpra detalhadamente o que me proponho, por outro lado, tenho dificuldade para compreender comportamentos quando não encontro sentido, como o não cumprimento de acordos, e a ser flexível diante de imprevistos, mesmo os menores. Quando eu era criança já me descreviam como “prática demais para a idade” e até hoje gosto de algumas coisas tidas como infantis, o que é curioso, embora aparentemente contraditório.

Minha mãe sempre ouviu o que eu tinha a dizer e me validou. Acompanha-me uma sensação de não pertencimento e incompreensão, como se eu existisse a parte da vida ao meu redor ou funcionasse em outra frequência, muitas vezes eu mesma não sou capaz de compreender e descrever como me sinto e apenas percebo as manifestações físicas no meu corpo. Eu sempre gostei e precisei do meu tempo sozinha, eu e meu mundo particular, e tive suporte, até por essa descrição ser reconhecida por ela.

Eu tinha dificuldade para entender outras crianças, as considerava barulhentas e cansativas, de modo que preferia a interação com adultos - o engraçado é que hoje eu prefiro meu tempo com elas. Eu ficava na sala, no bar, onde fosse, com minha mãe e seus amigos, ouvindo as conversas e músicas, prestando atenção. Sua melhor amiga, dizia que fui “criada no tapete”, o que significa que aprendi com minha mãe, a melhor, a ser boa. Até hoje, uma das formas mais bonitas de conexão que tenho com ela é o conforto de estar no mesmo ambiente, compartilhando da companhia uma da outra, independente do que fazemos – desenhar (ver Figura 1), cantar, estudar ou conversar.



Figura 1 - Fotografia da mesa da sala de casa, minha mão desenhando e a de minha mãe preenchendo um quadro com pedrinhas (Autoria própria, 2024).

Na minha infância, quando minha mãe estava em casa, organizava nossas comidas no prato em formato de rostinho feliz. A primeira vez que cheguei tarde em casa, esperava-me com porções de salame e de tomate. No ensino médio, às terças tomávamos *milkshake* depois do trabalho – terça ainda é meu dia favorito da semana e sorvete é o que me regula mais rápido quando preciso. Desde criança, vamos à praia nas férias de janeiro, mês do seu aniversário: o dia mais bonito do ano. Eu guardo conchinhas das praias mais lindas do mundo, nordestinas, que são nossos lugares, onde caminho com tubarões serenos (ver Figura 2) e onde a vi salvar a vida de um deles, o devolvendo ao mar quando atolou na areia. Nos centramos na família que escolhemos, de modo que fui cuidada com muito zelo por minhas tias e prima, além dela. Carrego esse amor no coração e em uma tatuagem. Também constitui um vínculo progressivo e recíproco com a cachorrinha que para nós foi família.



Figura 2 - Fotografia de um tubarãozinho nadando ao meu lado (Autoria própria, 2024).

Gosto de ler e de escrever desde que aprendi, é a melhor forma de comunicação que conheço e um lugar seguro. Passei a maior parte da minha infância e adolescência lendo grandes livros o dia todo, o que não era compreendido pela maioria das pessoas. Eu queria ser cientista e comecei a escrever algumas histórias, inacabadas, que compartilhava com uma professora, interessada, leve, e quem me fez pensar em seguir a docência. Escrever, para mim, hoje, é uma forma de resgatar essa criança, sendo o produto um poema, cena, ou artigo, faço com amor e dedico a maior parte do meu tempo a isso.

Também fiz teatro na infância e com ele comecei a aprender mais sobre criação, expressão e possibilidades de interação com objetivos específicos, achei isso fascinante. Eu acredito que senti falta dessa vivência de arte por anos quando acabou, e embora essa demanda não fosse tão óbvia na época, durante a pandemia da COVID-19 eu soube e decidi me devolver isso. Apesar da dificuldade para lidar com grupos e tendência a escolher ficar sozinha, em casa, engajada em minhas atividades, inclusive por não entender e ver muito sentido em contextos feitos para socialização, como confraternizações, e nos assuntos que os atravessam, aos poucos melhores amigos foram chegando.

Na infância, um amigo que me ensina algo novo em cada encontro; na adolescência, dois que me conhecem como poucas pessoas, uma liberdade para ser sincera, fantástica, frágil, assumir e expressar cada sentimento quando é necessário. Uma parceria assim é algo incrível e espero nunca precisar falar de uma fase da minha vida sem falar sobre nós. Muitas vezes no recreio da escola, quando eu e uma dessas amigas sentávamos no banco de sempre, aparecia um beija-flor e, ainda hoje, várias vezes que encontro essa ave, no mesmo dia ela me conta ter encontrado também; quando a mãe dela se foi, ligamos pelo celular enquanto eu caminhava na praia e encontrava duas conchinhas, uma laranja e uma roxa, como uma constatação de que estamos aqui uma para a outra, e seguimos.

No último ano do ensino médio, uma amiga chegou sorradeira em minha vida, mas como quem diz sorrindo e em maiúsculo “BOM DIA, EU VOU FICAR!”. Parecia vinda de um conto de fadas, saltitante e contagiante, pronta para me mostrar que coisas novas podem ser lindas, ela me ensinou que cabem mais pessoas queridas em minha vida. Com ela, como na padaria e faço planos de longo prazo com meus futuros filhos e seus cachorros.

Já na universidade, um novo trio me oportuniza a profundidade de diálogos que senti saudade longe de casa; uma família, parceria, cuidado e carinho genuíno; em Salvador, a certeza de lágrimas de alegria a cada reencontro com a amiga com quem compartilhava reflexões diversas no caminho para casa no primeiro ano do curso.

Minha vivência dialoga com a de outra mulher autista, diagnosticada na vida adulta, mas estimulada precocemente em casa, nos diálogos compreensivos e nos interesses e engajamentos em leituras e atividades físicas, importantes para seu aprendizado e desenvolvimento: “Às vezes, tudo que uma pessoa precisa, é que invistam nela com afeto e que propiciem a segurança de que tudo bem ser quem se é” (Ruchiga, 2021, p.9). Eu gosto dessas sutilezas e parcerias que foram surpresas e presentes em minha vida, também fico feliz em poder perceber e guardar detalhes que para as pessoas em geral passam despercebidos.

2.2 ENCONTRO NA ARTE

“Que a arte me aponte uma resposta
mesmo que ela mesma não saiba
e que ninguém a tente complicar
pois é preciso simplicidade para fazê-la florescer.”
Metade, Oswaldo Montenegro, 1988.

Há cinco anos, eu mudei para a Bahia para cursar Medicina, um processo de mudança que não foi fácil, mas tive todo o suporte que precisei, principalmente da minha prima, que me acompanhou na primeira vinda à cidade para ver onde eu poderia morar, os trajetos de deslocamento e o que mais foi necessário. Poder estudar em uma universidade pública é um privilégio e tive tudo que precisei para chegar aqui. Para mim, o ingresso significou a afirmação de um compromisso com muitas pessoas, pessoas que ainda não conheci e outras tantas que não conhecerei, as quais contribuem para que a Universidade permaneça e que merecem profissionais de excelência para assisti-las.

Minha primeira impressão do *campus* foi que era ideal, pequeno, cheio de plantinhas, amoras e um pergolado para a gente descansar durante o dia. Havia uma solidão coletiva entre nossos corpos que chegavam de diferentes regiões do país e todas as oportunidades para que nos conhecêssemos para

além do óbvio. Nesse início, busquei me integrar com a turma, não consegui sustentar, porque demanda uma energia que prefiro dispor de outras maneiras e com menos pessoas, mas foi algo novo e positivo para mim, que até então havia feito amigos à base da iniciativa e da persistência deles. No São João, dançávamos quadrilha e forró nos intervalos de aula. O desapego dessa busca por integração permitiu que eu me encontrasse em outras atividades que me ajudam a encontrar sentidos em minha existência.

Eu passava o dia na faculdade e voltava para casa assistindo o pôr-do-sol mais lindo ou, quando mais tarde, torcendo para encontrar alguma corujinha no caminho. Eu mergulhei na universidade, participei de projetos de pesquisa e extensão, monitorias, ligas acadêmicas, representações estudantis, organização de eventos e cursos, palestras e apresentações de trabalhos, e aproveitei cada experiência.

Desde o começo, as atividades tinham muito de arte, corpo e incentivo a escrita reflexiva, que me remeteram aos meus antigos refúgios e fortaleceram meu propósito de trabalhar com saúde mental. Também me identifiquei e engajei particularmente com a área da pesquisa, com a possibilidade de encontrar e tentar preencher lacunas de modo a tornar a vida das pessoas, em alguma medida, melhor. Através do desenvolvimento delas também desenvolvo e mantenho interações que valorizo. Em suma, me inseri em projetos e de grupos que me oportunizaram ouvir as pessoas, conhecer suas histórias, demandas, estratégias e expectativas para, a partir disso, colaborar com esses sujeitos na construção de possibilidades. Assim, imergi em uma atuação sensível à saúde mental nos encontros, em diversos contextos. A arte foi para mim um caminho.

Um dos projetos que mais me marcou envolveu a condução de oficinas de mandalas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) da cidade, que fornece assistência especializada em saúde mental para adultos com transtornos mentais graves e/ou persistentes e/ou usuários de substâncias psicoativas. A construção de um espaço seguro para partilhas de experiências e percepções, escuta, momentos de inspirar e de ser inspirada, silêncio, produtos palpáveis e bonitos (ver Figura 3), também me cuidou e contribuiu para que eu aprimorasse habilidades. A beleza do aprender compartilhado.



Figura 3 - Fotografia de mandalas confeccionadas em uma das oficinas artísticas que conduzi no CAPS (Autoria própria, 2023).

Expressões artísticas também facilitaram que eu enfrentasse a imprevisibilidade que a pandemia da COVID-19 impôs: eu comecei a bordar, desenhar meus sonhos e escrever mais. Uma vez dei um dinossauro de presente para meu sobrinho pintá-lo, ele me perguntou se eu achava que ele era um artista, e eu respondi que ele poderia ser, como também posso, eu sei que isso vale para outros adjetivos também. Percebo que inconscientemente recorro a arte quando me sinto perdida e hoje ela faz parte da minha vida em diversas áreas. Comecei a trabalhar com o que gosto, brincar com crianças e fazer arte com elas como recreação; devolvi meu eu ao teatro, através de oficinas e de um coletivo, produzi roteiros e participei de peças e filmes (ver Figura 4). Nas minhas férias também me divirto com pole e lira. Outro elemento importante de minha rotina é aprender a me defender com o Krav Maga, de forma direta e resolutiva, sem tanta aproximação física e coreografias que anteriormente me desmotivaram nas artes marciais que experimentei. Reconheço, com alegria, como isso me faz bem.



Figura 4 - Fotografia da cena que produzi, “Pedacinho de nós” (Apodio, 2023).

As experiências que tenho possibilitam interações seguras em ambientes de simulações e experimentações; uma melhor consciência corporal e emocional, que me ajuda a reconhecer padrões físicos e comportamentais tanto em mim e quanto nas pessoas à minha volta, a entender e me adaptar de acordo com eles. Também são meios de indiretamente me expor e tentar me acostumar com odores, sons, luzes, toques e texturas que para mim são difíceis, mas que nem sempre são passíveis de serem evitados no dia a dia. Sinto que encarar minhas dificuldades dentro do possível a cada tempo torna menos doloroso lidar com elas no longo prazo. Nesse processo, conheci pessoas interessantes e

algumas respostas, muitas vezes sem a necessidade de uma palavra, ao meu modo de ser no mundo, que me soa destoante, com dificuldades e potencialidades, mas de outra forma, não seria eu.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu quero continuar aprendendo com outras tantas existências, enquanto cresço e honro as pessoas que participam dessa construção de mim e me fornecem apoio. Tenho muita energia, quero fazer coisas boas para e pelas pessoas, nas diversas áreas da minha vida. Quero aproveitar minha vida e facilitar que outras pessoas possam aproveitar a delas também. Eu me conheci mais nos últimos anos do que nos outros de minha vida, e sou grata a esse tempo pela oportunidade de viver em um lugar que me permite tantas coisas, encantar-me e engajar-me por e com pessoas, territórios, histórias, escritas, artes, lutas e formas de cuidado - saúde e arte em tudo que move.

Meu diagnóstico foi importante nesse processo, pois, embora atitudes compreensivas, organização e ajustes às demandas e dificuldades pessoais possam ser feitas de maneira solidária pelas pessoas, em geral isso não ocorre de maneira natural; afinal, se é difícil que eu assuma meus próprios limites, como seria simples para o outro percebê-los e validá-los? O diagnóstico colabora para essa validação e acesso aos apoios necessários, não acredito que possa ser suficientemente tarde para viver melhor com eles.

Autêntico

“Não nomear
o alguém que não se apresenta
como a perfeição ordena.
O alguém que dita as regras
teria nome?”

Há tantas maneiras de se fazer entender,
de aflorar sentimentos.
Se o contato, permeando o encontro,
expandiu os sujeitos,
é relevante o que não foi dito?

Existe alma a ser descoberta,
por todos os lados no seu caminho,
descubra enquanto estiver aqui.
Participe do que faz sentido,
no seu mundo,
se encontre por você,
nem todos vão entender,
afinal, há tanto.

As impressões que chegam são muitas
e pode ser difícil filtrá-las,
que a arte te ajude a compreendê-las,
superá-las e vivenciá-las.
Nem sempre conseguimos,
mas o sono sempre vem
e o dia amanhece com novas chances.

Por onde passar seja o que você é,
não se reduza para caber no molde que te mostram.
Você é uma peça nas vidas que toca,
mas o tecido se reinventa para que todas elas caibam.
Assim faz-se mudanças,
que mesmo na dor,
não anulam sujeitos,
transformações que agregam.

Escolha ser autêntico,
resista e se apresente,
a vida te chama pelo seu nome
e quer sua expressão genuína,
só sua.”

Fonte: Elaborado pela autora. Disponível na obra *Medicina em Versos* (Laguna et al., 2023).

REFERÊNCIAS

- Garrido, D., Carballo, G. & Garcia-Retamero, R. (2020). Siblings of Children with Autism Spectrum Disorders: Social Support and Family Quality of Life. *Qual. Life Res.*
- Biesdorf, R. K., & Wandscheer, M. F. (2011). Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG*, 2(11), 11p. Recuperado 29 de janeiro de 2024, de file:///C:/Users/Gabri/Downloads/admin,+1199-3443-1-RV+(3)+Arte+Necessi.pdf
- Gomes, L. B., & Leite Junior, F. F. (2022). Nise da Silveira: arte, ciência e saúde mental. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas E Tecnologia*, 10(3), 1512–1520. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1512-1520>

Laguna, G. G. C.; Araújo, A. L. S. ; Rosa, D. P. ; Andrade, F. O. ; Novaes, G. S. ; Marques, C. R. (2023). *Medicina em versos: da arte à cidadania*. Vitória da Conquista, Bahia/Brasil, 1. ed., 2023. v. 1. 31p. ISBN: 9786500646641. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Medicina-versos-arte-%C3%A0-cidadania-ebook/dp/B0BXT9QD5X> .

Laguna, G. G. C., & Fraga, R. E. (2023). Saúde mental tecida com afetos, mãos e ouvidos. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura*, 13(25), 666-677. <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57030>

Metade. Intérprete: Oswaldo Montenegro. Compositor: Oswaldo Montenegro. In: *Ao vivo*. Brasil: Som livre, 1988. LP/CD/K7 (2:47).

Ruchiga, A. L. (2021). Sobre como meu pai e minha mãe fizeram um bom trabalho de estimulação precoce sem nem saberem o que era isso, nem que sou autista. *Revista Neurodiversidade*, 1(1), 1-10.

Rynkiewicz, A., Janas-Kozik, M., & Słopień, A. (2019). Girls and women with autism. *Psychiatria Polska*, 53(4), 737–752. <https://doi.org/10.12740/PP/OnlineFirst/95098>

Singer J. Neurodiversity: Definition and Discussion. ([s.d.]). Recuperado 29 de janeiro de 2024, de <https://neurodiversity2.blogspot.com/p/what.html>

Si Può Fare. Direção de Giulio Manfredonia. Produção de Angelo Rizzoli Jr e Andrea Rizzoli Jr. Roteiro: Fabio Bonifacci e Giulio Manfredonia. Música: Pivio e Aldo de Scalzi. Itália: Warner Bross, 2008. (111 min.), son., color. Legendado.

Vasconcelos, V. C. (2022) *Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo: diagnóstico, reconhecimentos e vivências*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de licenciatura em Educação Especial. Orientador: Prof. Dr Nassim Chamel Elias. Recuperado 29 de janeiro

de 2024, de
<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/15923/MENINAS%20E%20MULHERES%20COM%20TRANSTORNO%20DO%20ESPECTRO%20DO%20AUTISMO%20DIAGN%3%93STICOS%2C%20RECONHECIMENTOS%20E%20VIV%3%8ANCIAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Gabriela Garcia de Carvalho Laguna

Autista. Acadêmica do 5º ano do curso de Medicina. Participa principalmente de projetos relacionados à saúde mental e à arte.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5689164512530847>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7396-647X>